



# CONFERÊNCIA



## DANIELE COMBONI (1831-1881) NA ÁFRICA. UM OLHAR SOBRE AS REDUÇÕES JESUÍTICAS DO PARAGUAI

Gianpaolo Romanato  
*Università di Padova*

O texto que segue é a transcrição da conferência apresentada pelo professor Gianpaolo Romanato, em 1º de setembro de 2006, no mini-auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. O professor Romanato foi convidado pelo programa de Pós-Graduação em História da UFSC, no âmbito de seu convênio de estudos com a Università di Padova, na Itália. A tradução deste artigo foi realizada por Anatólia C. Corrêa da Silva que, com a concordância do professor Romanato, gentilmente concedeu à revista Esboços sua publicação.

### INTRODUÇÃO

Até metade do século XIX, a África ainda era um continente quase totalmente desconhecido. Do deserto do Saara até a zona do Cabo não se sabia quase nada. A geografia, a história, os povos que lá habitavam, as línguas que falavam, as formas sociais e econômicas, o curso dos rios, a orientação e altitude das montanhas, a presença ou não de lagos, continuavam envolvidos pela escuridão. Nos mapas geográficos este desmesurado buraco negro era geralmente indicado pela expressão *terrae incognitae*.

A ignorância sobre a África por parte da Europa há muitas justificativas: as difíceis ancoragens marítimas, o clima quente e irrespirável, as doenças que tornavam o lugar inabitável aos europeus, a vegetação impenetrável, a difícil navegabilidade dos rios, a barreira desértica e o monopólio praticado pelos árabes por vias comerciais. Houve depois a página vergonhosa do tráfico de escravos, que por séculos fez da África um simples reservatório de mão-de-obra, que para o abastecimento bastavam as bases costeiras, sem necessidade de se avançar ao interior.

Fica, porém igualmente como motivo de espanto o fato de esse continente imenso, tão perto da Europa, ter ficado tanto tempo fora da sua atenção. O conceito da África começa a mudar entre o fim do sec. XVIII e o início do sec. XIX, depois do surgimento da Associação Africana, em 1788 em Londres. As surpreendentes transformações que caracterizaram o período histórico que coincidiram

com o início da industrialização e da revolução na França mudaram a percepção do espaço extraeuropeo. Teve, então, início o processo de crescimento do comércio e de integração dos continentes no qual devemos observar as distantes origens do que hoje chamamos globalização.

Daquele momento a ignorância que circundava os territórios africanos começou a ser percebida como uma lacuna. Iniciaram-se então as viagens exploratórias que por sua vez, lentamente a ao preço de muitas vidas humanas – poucos exploradores voltaram vivos da África – desvendaram os mil mistérios do dark continent, onde o dark se referia seja a cor da pele dos africanos seja a escuridão que circundava as terras por eles habitadas. A exploração da África durará um século inteiro, e ainda mais. Somente no fim de 1800, de fato se poderá dispor de mapas geográficos confiáveis e seguros, fundamentados em dados verificados e não sobre interpretações fantasiosas ou de aproximativas indutivas.

As explorações africanas serão uma das grandes epopéias oitocentistas, inesgotável alimento da fantasia de um século que acreditava convictamente na coragem do homem, no seu direito de conquistar e de submeter-se à natureza, sem as dúvidas, as angústias, os remorsos de que estaria impregnado o século seguinte. Fruto dessa segurança será tanto o período do imperialismo e do colonialismo, que em poucas décadas conduzirão dois continentes – a África e a Ásia – à órbita política européia, quanto a imponente literatura de viagem que cobrirá as livrarias e a fantasia de no mínimo três gerações: os diários e as memórias de exploradores como Samuel Baker, Georg Schweinfurth, David Livingstone, Henry M. Stanley; os romances populares de Jules Verne e Emilio Salgari; a grande narrativa de Joseph R. Kipling e Joseph Conrad.

## O CAMINHO DO NILO

Por três décadas, de 1840 a 1870, ao centro da questão africana esteve o Nilo, do qual ninguém, exceto uma expedição militar enviada pelos Romanos no tempo do imperador Nero, havia percorrido o seu curso ao sul das cataratas. Era o “porro unum de todos os mistérios africanos”, como escreve Carlo Zaghi no rico e documentado volume que dedicou a este tema<sup>1</sup>. A determinar sua importância, foram muitos os fatores. Em primeiro lugar a crescente relevância internacional do Egito durante o reinado de Mohammed Ali (1805-1849), o fundador da dinastia que reinou no país até 1952, ou seja, até o golpe de estado que destituiu o rei Faruk e abriu a estrada ao período de Nasser. O Egito depende totalmente das águas do rio, por isso a atenção que as grandes potências dispensavam ao país das pirâmides, voltava-se automaticamente ao Nilo, à sua origem ainda misteriosa, à fonte da qual derivavam as águas que realizavam o milagre de fertilizar até o deserto.

Mais tarde se somou o comércio do marfim. A Europa burguesa e mercantil, as novas classes sociais afetadas por uma crescente riqueza exigiam quantidade cada vez maior de marfim, ou para fabricar objetos de decoração ou para o jogo de bilhar, o típico passatempo da sociedade oitocentista. O vale do Nilo era riquíssimo de elefantes e através dos portos egípcios aumentou rapidamente a importação para a Europa das presas com proveitos altíssimos aos mercadores, visto que os indígenas não lhes atribuíam nenhum valor, deixando-as sempre inutilizadas junto às carcaças dos animais.

Mas foram, sobretudo, os projetos de abertura do Canal Suez que aumentaram a importância política e estratégica do Egito e do atual Sudão, até a ponta da África, ou seja, do território percorrido pelo rio no labiríntico caminho do equador até a foz. Do momento em que a hipótese de ligar o Mediterrâneo ao Mar Vermelho deixou de ser uma vaga utopia e se tornou uma possibilidade concreta e factível, todas as grandes potências olharam para essa parte da terra, remota e irrelevante, até então desprovida de interesse. Até mesmo a Áustria dos Hasburgos que jamais obterá a posse colonial, abriu um vice-consulado em Cartum e encarregou, em 1857, o arquiduque Maximiliano de realizar uma averiguação secreta nas margens egípcias do Mar Vermelho, com o objetivo de verificar a probabilidade de iniciar-se ali uma instalação austríaca<sup>2</sup>.

A transformação dos tráfegos mercantis que se previa seria derivada do Canal de Suez revolucionou enfim, a percepção geopolítica do oriente africano. Começaram então a se delinear os interesses da França sobre a Tunísia e o Egito, que a colocarão na rota de colisão com a Grã Bretanha e darão lugar, anos mais tarde, à expedição do capitão J. B. Marchand pela África em direção ao Nilo. O oficial francês partiu da bacia do Congo em direção ao Nilo para criar um eixo francês de leste a oeste através do continente, ou seja, de Dakar a Jibuti, e quebrar o desenho britânico de um eixo vertical de norte a sul, do Cairo ao Capo.

Do seu lado, a Inglaterra cada vez mais convicta que somente o controle da margem oriental da África colocaria em segurança a posse indiana de riscos e surpresas, reforçou naquele território a sua presença política e naval. Desde a ocupação de Aden, ocorrida em 1839, até a expedição de 1882, que transformou o Egito em um protegido da coroa inglesa, os interesses britânicos nessa área só aumentaram até se tornar uma irrenunciável prioridade política<sup>3</sup>. A rivalidade entre as duas potências se resolveu em 1898, quando aconteceu o chamado incidente de Fashoda, na localidade do Alto Nilo onde os ingleses bloquearam o avanço do capitão Marchand, obrigando os franceses a se retirar e afirmaram definitivamente a hegemonia na África oriental.

A busca pelas origens do Nilo foi, portanto bem mais do que um simples fato exploratório, embora importante e rico de fascínio. Foi um problema político

de grande relevância, no qual a Grã Bretanha depositou toda a sua força. Giovanni Miani<sup>4</sup>, o mais notável e o mais audaz dos exploradores italianos na África, que em 1860 falhou por um triz na descoberta da nascente do Nilo, o sonho da sua vida, deixando gravado o seu nome no tronco de uma árvore, na atual Uganda, que se conserva até hoje como um dos sítios históricos do continente – il Miani's tree – relata explicitamente os obstáculos que dificultaram a sua tentativa de alcançar a origem do rio. “Não compreendeste ainda – dissera-lhe um amigo árabe – que se antes não descem do Equador Speke e Grant, nem tu nem quem seja poderá avançar? A Inglaterra quer que um inglês faça a descoberta e tudo sacrificará, utilizará qualquer meio, até o extremo”<sup>5</sup>.

Por mais de quarenta anos, desde a expedição de Speke e Grant, que em 1862 alcançou finalmente o ponto inicial do rio, até o fim do século, a Grã Bretanha desenvolveu uma tenaz e lúdica estratégia política voltada a garantir o controle de todo o curso do Nilo, pensada em função da sua futura ligação com a costa do Oceano Índico. Em tal estratégia entraram tanto a ação de Charles Gordon voltada a dominar o território do Alto Nilo, ainda chamado Equatoria, quanto à ocupação italiana de Massaua em 1885, na qual teve o início o colonialismo do nosso país. A Inglaterra preferia que na costa do Mar Vermelho se instalasse uma média potência como a Itália, com a qual havia relações amigáveis, do que uma grande potência europeia como a França, cujos interesses estiveram em conflito com os britânicos por todo o oitocentos.

## O SUDÃO

O curso do Nilo foi anexado ao Egito de Mohammed Ali entre 1821 e 1822. Mas o Alto Nilo, ao sul de Cartum, localidade fundada pelos egípcios nessa época, permaneceu uma inexplorada terra de ninguém até 1839 ou 1841, quando três sucessivas expedições do governo garantiram que o rio era navegável e riquíssimo em marfim até a atual fronteira entre o Sudão e a Uganda, enquanto a nascente era mais ao sul talvez na altura do equador, ou até mesmo além. Daquele momento as viagens ao longo do rio por parte dos exploradores e mercadores começaram a ser freqüentes. O clima era absolutamente letal, tratando-se de uma das zonas mais úmidas e insalubres de toda a África, mas os interesses eram altíssimos, dada a abundância de marfim que os indígenas não atribuíam nenhum valor, como já sinalizei.

As possibilidades de enriquecimento atraíram, então, a Cartum, após a metade do século, uma pequena, mas ativa colônia de europeus – franceses, ingleses, italianos, alemães, malteses – através dos quais começou a ser conhecido o nome daquela remota localidade situada na selva africana, cujo exotismo era comparável somente com o de Zanzibar. De Cartum, partiram as expedições de

Giovanni Miani em direção as origens do rio, as de Andrea Debono e Alphonse de Malzac a caça de marfim e de escravos, as solitárias incursões de Carlo Piaggia pelas tribos primitivas, a grande exploração de Georg Schweinfurth nas regiões da África central. Em Cartum, instalou-se a missão católica que depois será assumida por Daniele Comboni. De Cartum, único centro africano provido de regulares ligações com o Mediterrâneo, eram despachadas as correspondências por boletins das sociedades geográficas de Londres, Paris, Berlin, Viena. Se o Nilo era a chave da África, Cartum era a chave do Nilo. Para compreender sua importância é preciso ler os capítulos iniciais, em meio a história e invenção, do romance de Jules Verne *Cinco semanas em um balão*, que foi publicado em primeira edição em 1863.

As expedições navais com direção ao sul partiam de Cartum geralmente no outono, quando os ventos sopravam no sentido do equador e as condições do rio consentiam a melhor navegabilidade, entrando mais tarde na primavera. Inicialmente eram exclusivamente governamentais, visto que o soberano egípcio administrava em regime de monopólio o comércio do rio. Rapidamente, porém as pressões dos consulados europeus no Egito fizeram cessar tal monopólio e sancionaram a liberdade de comércio para todos. Os povos que habitavam ao sul de Cartum que viviam fora da zona de colonização islâmica não gozavam de qualquer tutela legal. Transformaram-se, então, rapidamente em um fértil reservatório de escravos, cujos mercadores egípcios, ajudados por alguns europeus sem escrúpulos, obtiveram com crescente desenvoltura, sendo a escravidão, por parte dos infiéis, uma prática legal nos territórios otomanos. Em poucos anos a corrida ao marfim e a caça aos escravos arruinaram o equilíbrio do imenso território, que corresponde ao atual sul do Sudão, pondo as raízes da discórdia com o norte do Sudão que chegou tragicamente até nossos dias<sup>6</sup>.

### **A MISSÃO DE DANIELE COMBONI<sup>7</sup>**

É justamente nesse território, como já mencionei, que foi aberta a primeira missão católica estável e canonicamente reconhecida. Em 1846 a Santa Sé, primeira “potência” europeia a interessar-se concretamente pela África, abriu o Vicariato apostólico da África Central, uma circunscrição eclesiástica com competência virtual sobre toda a África interna do sul do Saara até o Equador. Contemporaneamente, a Propaganda Fide dava vida ao Vicariato dos Galas na Etiópia, confiado ao bispo Guglielmo Massaja, no entanto quatro anos antes foi fundado, na costa atlântica, o Vicariato apostólico das duas guinéas, destinado aos missionários franceses.

O Vicariato da África Central foi alcançado pelos primeiros missionários em 1848. Atuou na extensão do curso superior do Nilo, em um vasto território,

correspondente ao atual Sul do Sudão que vai substancialmente da cidade de Cartum a atual fronteira entre o Sudão e a Uganda. Suspenso em 1863 por causa da impressionante mortalidade que se verificou entre os missionários, foi reaberto em 1872, quando assumiu Daniele Comboni, que morrerá em Cartum em 1881. Durante esse período os missionários tiveram que se transformar também em exploradores e atribuíram uma decisiva contribuição ao conhecimento e à descrição da região no plano geográfico, cartográfico, lingüístico e etnológico. A importância das suas contribuições foi reconhecida por todos os maiores exploradores, que citaram amplamente os missionários nos diários e registros das suas viagens.

Comboni nasceu numa cidadezinha no Lago di Garda em 1831. Estudou em Verona, cidade ainda austríaca onde era viva uma forte sensibilidade missionária, e desceu à África pela primeira vez no biênio de 1857 a 1859, com outros missionários de Verona. Realizou uma arriscada missão no Alto Nilo, correu o risco de morrer de malária e foi enviado de volta à Itália para recuperar a saúde. A África, no entanto, entrou-lhe no sangue e no coração, a qual dedicou os anos sucessivos estabelecendo contatos na Itália e na Europa para tecer um projeto capaz de sustentar humanamente e financeiramente o projeto que estava pensando. O projeto foi elaborado definitivamente em 1864 quando Comboni publicou o Plano para regeneração da África, um texto profético, no qual se inspirou mais tarde também o cardeal francês Charles Lavigerie, bispo da Argélia e fundador do instituto missionário dos Pais Brancos. Anos depois Comboni fundou em Verona um pequeno instituto missionário, primeiro masculino e depois feminino, e contemporaneamente um instituto no Egito, no Cairo, onde os seus missionários tiveram de aperfeiçoar a preparação lingüística e cultural, habituando-se lentamente ao clima africano, que ainda massacrava todos os europeus. Ainda hoje os missionários combonianos são chamados na África pela expressão Verona fathers. Nesse mesmo período lançou também uma revista: a que ainda hoje se publica mensalmente em Verona, “Nigrizia”, e é a única revista italiana inteiramente dedicada à África.

O Vicariato da África central foi fechado pela Santa Sé em 1863. Foi reaberto em 1872 devido às insistências de Comboni e confiado aos seus cuidados. No ano seguinte Comboni retornou à África e desde então a sua vida assumiu um ritmo frenético, com viagens contínuas da África à Europa e vice-versa. Viagens que enfraqueceram definitivamente seu físico, ainda que fortíssimo. A viagem, de fato, parte em navio para atravessar o Mediterrâneo, em barco ao longo do Nilo e de camelo através do deserto, não durava mais que dois meses, com temperaturas que no deserto da Núbia (que atravessado no dorso de um camelo, levava em média não mais que duas semanas) podiam superar os cinquenta graus centígrados. Embora num primeiro período a missão tenha se desenvolvido no Alto Nilo, em uma região particular-

mente insalubre, Comboni preferiu transferi-la então para a região do Kordofan, a oeste de Cartum, seja por melhores condições climáticas seja porque sabia que a população do Kordofan era mais dócil e mais facilmente acessível.

Nos sete anos que lhe restavam de vida, Comboni tornou-se uma das máximas autoridades européias na África, consultado e estimado por todos os africanistas do continente. Manteve estreitas relações inclusive com o coronel Charles Gordon, mítica figura dos fundadores do colonialismo britânico, então governador do Sudão a título do governo egípcio. O nosso missionário levou também à África as freiras submetendo-as às mesmas viagens massacrantes que se submetia e deixando-lhes a responsabilidade de sustentarem-se sozinhas em um ambiente hostil e desconhecido. Foi certamente o precursor daquela que hoje chamamos de cultura do feminismo. Morreu em Cartum, molestado pelo cansaço e pelas doenças em 1881, às vésperas da revolta mahdista que erradicará a missão e grande parte das realizações combonianas. Não se salvaram nem mesmo os seus restos, saqueados do túmulo pelos rebelados e dispersos.

Os missionários de Comboni retornaram ao Sudão em 1898, após a derrota dos mahdistas pelos ingleses (havia também Churchill no contingente britânico que reconquistou Cartum). Desde então se expandiram do Sudão a outros países africanos. Depois da segunda guerra mundial se instalaram também na América, inclusive no Brasil, enquanto Comboni foi proclamado primeiro beato, em 1996, e depois santo, em 2003. Hoje é um dos mais ativos institutos missionários católicos. A matriz é em Verona, enquanto a filial é em Roma.

## **O MÉTODO DE COMBONI**

A pressa quase inacreditável que mostrou sempre de iniciar a sua obra, uma pressa que o impulsionou a começar ainda que estivesse bem consciente de todos os limites e as improvisações da organização da qual disponibilizava, estava relacionada ao fato de que, vivendo no Egito e no Sudão – os únicos pontos de observação na África realmente abertos aos europeus –, havia entendido perfeitamente a força da avançada islâmica em direção ao sul e a disponibilidade da África negra a deixar-se capturar. Em resumo, na visão missionária de Comboni não havia somente o zelo romântico de um sacerdote da Restauração pela difusão da salvação de Cristo, mas havia também a lúdica, concreta intuição – e é o aspecto talvez mais interessante do seu projeto – do choque que nascia entre civilização e religião cujo futuro, seja distante que imediato, teria fornecido amplos motivos para realmente partir do Sudão. Sem dúvida não se pode tê-lo como um precursor do atual diálogo interreligioso, pelo contrário, e de fato o oposto, mas a sua visão da relação entre cristianismo e islamismo, absolutamente espontânea, expressa sem preocupações ou filtros, não é menos digna de consideração.

O método que seguia tendia a impor a missão como centro de civilização, para depois passar, somente em um segundo momento, à evangelização. Primeiro era necessário ser aceito, conquistar a confiança dos nativos, dar à população a sensação da utilidade real e não fictícia do missionário. Em toda essa fase era fundamental tanto a credibilidade das pessoas, o comportamento reto delas, quanto à residência constante no lugar da operação. A diversidade entre missionários e exploradores é visível. A respeito dos exploradores, escreve, “que chegam abatidos dos esforços de desastrosas viagens, às vezes repletos de medo, sempre sem conhecer nem pessoas nem línguas” e procuram “de todas as formas retornarem à Europa”, o “missionário e a freira sofrem sem se queixar e estão firmes em seus postos”, devendo assistir com frequência o próprio explorador, dando-lhe “ajuda e consolação”. Por isso, a influência dos exploradores é incomparavelmente inferior em respeito a dos religiosos.

Alcançado o primeiro objetivo, isto é, a confiança das pessoas e os tempos variavam enormemente de acordo com os interlocutores, se passava ao segundo momento, o do início da tarefa de civilização. De que forma? Através das escolas e dos hospitais. Difundindo a instrução, isto é, fornecendo as primeiras competências, curando as doenças, ensinando as regras básicas de higiene. As várias estações missionárias se fundaram todas sobre este modelo, com resultados que em lugares como o Sudão foram imediatamente visíveis. O arsenal do governo de Cartum, que construía as embarcações para a navegação no rio, pegou grande parte dos seus operários, aproximadamente duzentos, da escola da missão.

O terceiro momento era constituído da tentativa de introduzir o modelo familiar católico, possivelmente favorecendo matrimônios entre negros ambos educados pela missão. Estes chegavam ali de várias formas: eram jovens abandonados que eram recolhidos e hospedados, ou até mesmo, e este último representava a demanda mais prolífera, se tratava de escravos que os missionários ou compravam (em Cartum havia um mercado regular de escravos negros), ou liberavam do seu estado, ou os acolhiam valendo-se do direito de refúgio que era reconhecido à missão. Através deste caminho, a missão havia recolhido uma frota de milhares de jovens, que mantinha, alojava, alimentava, vestia, instruía e depois restituía à comunidade local sob a forma de artesãos, operários, lavradores. Os demais, naturalmente, permaneciam ligados à missão, entre estes jovens surgiam relações afetivas e poderia haver matrimônios.

Desse modo se formou ao redor das missões de Cartum, El Obeid, em Kordofan, e Berber, ao norte de Cartum, no Nilo, uma primeira comunidade católica, de qualquer modo europeizada e civilizada cujo poder de ação se alargava graças aos seus próprios adeptos, através de um tipo de irradiação. O testemunho mais significativo é o de Licurgo Santoni, um dos muitos italianos que vive-

ram e trabalharam para o progresso do Egito, onde foi diretor do serviço postal, e que visitou a missão de Comboni no Sudão, sobre a qual forneceu confiáveis avaliações diretas: “quando a missão podia dispor de meios resgatava os pequenos negros, que educava amorosamente e, alcançada a idade devida, uniam-lhes em matrimônio formando famílias que se estabilizavam no país exercitando as atividades que haviam aprendido. Nas manhãs de domingo se via estes negros, marido e mulher, vestidos e limpos à europeus, dirigirem-se à missão para escutar a missa com devoção, orgulhosos de sentirem-se livres, enquanto viam ao redor tantos conterrâneos escravos, seminus e imundos”.

A missão, no entanto, era como uma ilha perdida no mar mulçumano, protegida pelas autoridades pelos serviços que assegurava, mas sempre considerada uma entidade estranha, vista com desconfiança, controlada para que não excedesse os limites que lhes eram impostos e a obrigavam a permanecer completamente separada do mundo maometano. Por isso, o risco da reabsorção da fragilíssima comunidade cristã pelo ambiente circundante era elevadíssimo. Foi para contornar esse perigo que Comboni pensou em tentar o experimento de um vilarejo inteiramente cristão, geograficamente separado do contexto sudanês, onde fortaleceria e faria crescer a semente religiosa que com tanto esforço estava plantando.

## **O MODELO DAS REDUÇÕES DO PARAGUAI**

O modelo que se inspirou foi o das Reduções fundadas pelos jesuítas na América Latina entre o Seiscentos e o Setecentos. Um filme de grande sucesso, *Mission*, tornou popular e também próximo ao grande público essa genial tentativa de associar civilização e cristandade num ambiente todo primitivo. As Reduções eram vilarejos rigidamente distintos do ambiente colonial espanhol, onde os jesuítas, com os seus melhores homens e muitos dos seus recursos, induziam os índios guaranis a viver, transformando-os (ou reduzindo-os, daí o nome) de nômades em sedentários, de “selvagens” em “civis”, de “pagãos” em “cristãos”. Na fase de máxima expansão, o sistema, que durou um século e meio, concentrou pouco mais de trinta assentamentos, cada um com alguns milhares de indígenas orientados por dois ou três padres. O experimento foi além de qualquer previsão e desmoronou no fim do Setecentos, quando a Companhia de Jesus, derrubada pela crise provocou sua temporária supressão, não conseguindo mais sustentá-lo, e tiveram até mesmo que abandonar a América Latina.

A metodologia das Reduções está muito distante da sensibilidade missionária atual, e hoje encontra mais difamadores que defensores. O projeto que as inspirava, aquele de cancelar o sistema de vida e de pensamento local, para substituí-lo, através de um lento processo pedagógico, com os valores da cristandade

européia importados pelos jesuítas, há bem pouco em comum com a idéia da falta de cultura que guia atualmente a expansão cristã no mundo. Mas, elas ficam, portanto independentemente das orientações sucessivas e dos caprichos das atualizações, que são sempre um péssimo critério pelo qual se volta ao passado, uma das expressões, mas geniais da inteligência européia na sua fase de expansão para outros continentes. Quem vê as ruínas desses vilarejos, na região que ainda hoje se chama Misiones, fronteira entre Argentina e Paraguai, ou nas adjacências das Missões, no Brasil, não distantes das célebres cascatas de Foz do Iguaçu, fica impressionado pela grandiosidade do desenho que os jesuítas criaram e que ainda testemunham as imponentes ruínas em San Ignacio Mini, na Argentina, em Trinidad, no Paraguai, em São Miguel Arcanjo, no Brasil. Poucos itinerários na América Latina possuem o mesmo fascínio da redescoberta deste “sacro experimento” missionário, que havia impressionado toda a melhor cultura setecentista, de Voltaire a Montesquieu.

No tempo da formação de Comboni, em Verona, as Reduções já eram muito populares representavam o modelo histórico, concreto, ao qual o renascimento missionário oitocentista pensava em poder se fixar em qualquer lugar, repetindo, das montanhas rochosas à África, aquilo que haviam feito os jesuítas nas florestas americanas. Este modelo estava bem presente na memória e na literatura do tempo, frequentemente mencionado nas cartas dos missionários que precederam Comboni, convencidos de poder realizar no Sudão uma experiência análoga. Igualmente convencido disso estava também Comboni que havia estudado todos os detalhes da organização dos vilarejos dos guaranis lendo um opúsculo de L. Muratori, muito difundido e continuamente publicado ainda em Veneto, voltado justamente a descrever o “cristianismo feliz” construído pelos padres jesuítas no Paraguai. De reedição em reedição, desde a primeira edição de 1743, este livro é encontrado nas prateleiras das livrarias até hoje<sup>8</sup>.

Tendo em mente este exemplo Comboni então adquiriu uma vasta quantidade de terra, não distante de El Obeid, aproximadamente um dia de marcha, em lugar facilmente acessível, o único bem abastecido de água de toda a redondeza. O objetivo era o de “reunir ali as famílias dos negros convertidos pelos assentamentos de El Obeid, onde havia as principais missões de Kordofan. Fiz as experiências em todos os assentamentos da África Central e no Egito, que os negros convertidos à força do suor dos missionários e das freiras não perseveraram na fé se estão aos serviços das famílias mulçumanas (...). A cada família destinamos um pedaço de terra para cultivar, distribuímos boa quantidade de trigo para semearem, e assim podem viver longe da peste e da corrupção muçulmana, sob os cuidados da missão católica e com o fruto dos seus suores e com o recurso das artes e das profissões que aprenderam na missão. Estas famílias católicas for-

marão pouco a pouco um vilarejo católico, que com o passar dos anos se tornará uma cidade toda católica”. Estas foram as intenções de Comboni.

Em síntese, a lógica da operação era a seguinte. As missões de Cartum e de El Obeid, as mais equipadas e abastecidas de pessoal, atraíam para si jovens africanos. Os educavam, os mantinham, os instruíam e lentamente os conduziam ao batismo cristão (que jamais vinha concedido tão facilmente). Em muitos casos estes jovens se casavam. Neste ponto, para preservar e consolidar o trabalho feito se projetou um vilarejo inteiramente cristão, a “Redução” africana, separada do ambiente muçulmano como as Reduções jesuíticas o eram da espanhola. A iniciativa progrediu entre notáveis dificuldades devidas à impossibilidade de garantir a presença permanente de um missionário, razão pela qual os sujeitos do experimento, não todos felizes, parece, de ter que deixar a cidade para retornar para o campo, não puderam ser orientados com a devida atenção. Com a incontestável clarividência Comboni havia destinado a Malbes, nome do lugar no qual foi erguido o vilarejo, um sacerdote negro, um dos “moretti” que havia resgatado da escravidão em Aden.

Da “Redução” de Malbes, hoje permanece muito menos do que resta dos vilarejos que a inspiraram no Sul da América: somente um desvanecido retângulo no terreno, provavelmente a marca das fundações da edificação que ficava a capela. Ao lado sobrevive ainda a gigantesca árvore de baobab, à sombra da qual repousou também Comboni. A natureza africana, neste caso, se demonstrou muito mais resistente que as ações do homem. Firmamos-nos sobre essa tentativa porque ela reassume eficientemente o espírito da obra comboniana na África, os méritos e os limites que a caracterizaram. Ele procedeu com afinco, estudando bem os próprios gestos, avaliando sempre os fins e os meios, individuando instrumentos adequados para penetrar com a sua proposta num ambiente desconhecido, isolado, substancialmente hostil, buscando exemplo na metodologia seguida pelos jesuítas no Paraguai. Queria ter fundado um vilarejo semelhante ao Nuba, na zona selvagem, mas não o fez porque havia poucos homens a disposição para mantê-lo sob controle com a necessária continuidade. Se considerarmos os tempos longos e imprevisíveis da África, o fato de os jesuítas empregarem muitas décadas somente para iniciar os seus experimentos, inicialmente falidos e retomados mais tarde, a abundância dos recursos e dos homens que havia a disposição, as poderosas coberturas políticas do qual gozavam, se considerarmos tudo isso, Comboni mostrou uma inegável eficiência, conseguindo realizar o próprio em menos de dez anos, com poucos homens, poucas condições e frágeis garantias políticas.

E, no entanto, sem se deixar parar nem mesmo no caso da fácil tentação do juízo, é difícil não exprimir perplexidade. Esse vilarejo separado, que querendo respeitar os ambientes usava igualmente de violência, inteiramente guiado pela

missão, onde entravam famílias mais ou menos fabricadas, esse ambiente protegido que operava sem querer uma sutil ação de desafricanização, assemelha-se um pouco demais a uma reserva indiana para ser inteiramente aceitável. Ao redor de Malbes pulsava em cada direção, por milhares e milhares de quilômetros, a verdadeira África, genuína, mulçumana ou pagã que fosse ainda por descobrir e por explorar. Comboni sabia muito bem disso, e para salvar a plantinha que estava enxertando, transformou-a em uma minúscula ilhazinha. Mas o seu caráter de ilha artificial a remetia a todas as agressões do mar, com uma altíssima probabilidade, para não dizer certeza, de ser submersa. O que na verdade começa pontualmente com a revolta mahadista.

Malbes representou de qualquer forma uma ponta de diamante, geograficamente visível, do método missionário que Comboni perseguiu em todas as realizações. Teria sido possível para ele seguir um método diferente? Mais respeitoso às infinitas peculiaridades africanas, capaz de introduzir a presença católica de forma tal a evitar torná-la aliena, claramente européia, visível e reconhecível na sua estranheza? É uma pergunta a qual quem escreve prefere não tentar dar uma resposta. Um estudo comparado da metodologia que vem seguida pelos grandes missionários, os quais contemporaneamente ou depois de Comboni, entraram na África por meio de outras vias, forneceria os indispensáveis elementos de avaliação e de confronto. Parece-nos, porém que a pergunta esta colocada, se não outro que historiar a figura de Daniele Comboni, subtraindo-a à fácil tentação de uma apologia privada de bases críticas.

### **A METODOLOGIA MISSIONÁRIA DE COMBONI**

Mas como avaliava Comboni sua própria obra? Pelo recolhimento das cartas, particularmente pelas relações da Propaganda Fide ou às sociedades missionárias que o ajudavam financeiramente, é possível escavar intenções, juízos e linhas estratégicas que precisam o seu plano missionário.

A sua metodologia nasce no campo estudando os africanos, penetrando com ardor nos seus mundos. Percebeu com o tempo que os seus desinteresses ao trabalho não era privo de razão. “Habitados a viverem ao ar livre, ou mesmo em cabanas de terra ou de palha não sentiam necessidade de aprender a arte do pedreiro. Sutis em não verem em suas cabanas, além do recipiente que cozinham o trigo inteiro, outros móveis ou utensílios que um grande vaso de terra para semear o trigo, e um outro onde conservar a água, não sentem a necessidade do ferreiro ou do marceneiro. Estes povos, na total e extrema miséria, são os mais ricos do mundo, porque, nada possuindo, de nada, então, necessitam; portanto, sob este ponto de vista, são naturalmente felizes. Pois, não sentindo a necessidade das artes, acham inúteis em parte a gratuita escola das mesmas, com a qual

poderia o missionário afeiçoá-los (...). Porém, no missionário, o exercício e a escola das artes, se não para ter o amor da população, serve ao menos para obter o respeito dela. No entanto para se fazer cativar desse amor não faltam outros meios, o exercício zeloso e gratuito do remédio, os diálogos, os presentes, as suaves maneiras e as instruções”.

Aprendeu que os africanos não estavam cheios de necessidades e expectativas que não lhes pertenciam, estranhas à sua natureza e ao ambiente em que vivem. As crianças deveriam ser criadas sem mudar “em nada as suas maneiras de viver”, regulamentando-lhes a educação em base “ao estado em que pertencem”. A experiência lhe havia ensinado o quanto tivesse errada a idéia de trazer os africanos à Europa. “Os negros e as negras educadas no Cairo e na Europa, que conduzi na África Central, mesmo se educados nos mosteiros mais perfeitos e observantes, aqui há mais exigência e pretensão que os missionários e as freiras européias. Por isso não recebo mais há muito tempo os negros e as negras educados na Europa ou nos conventos do Oriente<sup>9</sup>, mas nós os educamos aqui nas suas condições humildes, sem fazê-los conhecer a poluição da civilização da população européia e já obtivemos alguns resultados consoladores”. A respeito das ilusões pela qual partiu quando pensava na África abstratamente, vivendo em Verona, a reviravolta de posições não poderia ser maior. Se em Verona havia estudado para missionário a sua universidade foi à África. E a África o mudou como mudou todos aqueles que a conheceram não superficialmente. Aprendeu que o selvagem não é um recipiente para preencher, mas um ser humano para respeitar, que a cultura é a alma profunda de cada povo, e não um monopólio da Europa, que é independente de saber escrever o de ser analfabeto, de andar nu ou vestido, de ser cristão ou pagão, que tudo era enormemente mais complexo e difícil do que aparecesse nos esquemas teológicos dos seminários europeus. Lendo algumas de suas páginas – geralmente lúcidas, claras, precisas, apesar das condições em que vivia e escrevia – se tem a impressão que a experiência africana o tenha transformado. Ele não conheceu a África de hoje, mas aquela anterior à repartição colonial. Um continente virgem, sem contaminação, ainda inteiramente si mesmo. Aproximou homens e mulheres que jamais se haviam visto. É um dos pouquíssimos europeus que conheceu não superficialmente este mundo remoto que hoje não existe mais, e que ali deixaram memória. Diferentemente de outros, também missionários, esta África que Comboni amou e apreciou não somente pela sua infinita miséria que pedia socorro, mas também por si mesma pelos valores que escondia pela humanidade que desvendava a quem fosse capaz de ir além da aparência.

Aqui na África, escreve, “dos fervores da Europa não se faz cálculos relevantes. Para contar sobre um missionário, e dizer que se pode dispor dele na

África Central ou equatorial, basta que passe no mínimo dois anos no campo de batalha. Se combater firme por dois anos, então se pode contar”. Em dois anos pode ver os companheiros que caem todos doentes e alguns morrem; obrigado a dormir no chão, a comer aquilo que tiver, deve se acostumar a fazer tudo sozinho, transformar-se em marceneiro, pedreiro, caçador, açougueiro, médico, sem esquecer-se de ser padre; enfrentar animais ferozes; vencer ao nojo; orienta-se no deserto e na floresta; aproximar gente que parece repugnante, começar a aprender a sua língua escutando os sons, repetindo, decifrando, procurando distingui-los; tem de habituar-se, sobretudo, a conviver com a solidão, com o silêncio, sem cair em depressão nem em exaltação. Somente depois de dois anos desta escola se pode graduar o missionário.

Mas na sua relação com as culturas africanas, Comboni jamais chegou à tentação de fáceis irenismos. Ele não se mostra nem um revolucionário nem um europeu arrependido. Em respeito ao primitivo teve uma relação consciente, madura, de fato alheia a nostalgias regressivas e a mitologias decadentes. A África o fascinou sem abatê-lo. Não esqueceu jamais de ser um europeu, jamais foi surpreendido pela dúvida se deveria converter ou converter-se. Anos e anos de experiência cansativa deram-lhe um invejável equilíbrio interior. No fim da sua vida conseguiu olhar para a África com uma consciência maior do que quando jovem, mas com a mesma inteligência, com o mesmo destaque crítico, sem ceder a compromissos intelectuais, sem hesitações morais, sem tormentos de consciência. Somente advertia que era preciso ter humildade: calar, olhar, escutar, aprender, sofrer. “Os exploradores passam por estes lugares como meteoros e depois vão embora para suas casas. Mas uma missão é mais difícil; é preciso caminhar com cuidado, escrever pouco, e só falar depois de muito tempo, longa experiência, e falar pouco sobre a realidade até que a coisa fique segura.”

Não perdeu jamais o respeito e a veneração pela Igreja e suas instituições romanas, mas observando-as do fundo da África viu os seus limites e as suas angústias: a lentidão; as sutilezas diplomáticas; as subordinações políticas; a ignorância a lugares e problemas. A obediência jamais lhe impediu de falar claro. A Pio IX, que saiu com uma piada não precisamente feliz sobre os negros (os definiu brevemente “ladrões mentirosos e ingratos”), respondeu respeitosamente em verso: “Santo Padre, somos todos homens. Não é só o negro que tem defeitos, o branco seria ingrato, ladrão, mentiroso e perverso, talvez mais que o negro se pudesse se ver na triste condição de escravo como este último”.

Por essas razões Daniele Comboni é hoje considerado um dos maiores missionários de toda a história do catolicismo, uma das figuras mais geniais entre os europeus que se lançaram na África oitocentista. Um personagem que merece atenção e estudo também na América Latina.

## NOTAS

<sup>1</sup> ZAGHI, C. *La via del Nilo*, Cymba, Napoli, 1971, p. 437.

<sup>2</sup> AGSTNER, R. *Das K. K. Konsulat für Central-Afrika in Cartum. 1850-1885. The Austrian consulate for Central Africa in Cartum. 1850-1885*, Schriften des Österreichischen Kulturinstitutes Kairo, Band 5, Kairo, 1993.

<sup>3</sup> No diário de um mercante saboiano que atuou no Sudão, talvez o primeiro europeu a trabalhar estavelmente no sul das pirâmides, afirmava-se que os interesses ingleses no percurso do vale do Nilo eram intensos como a areia do deserto (A. Brun Rollet, *Le Nil Blanc et le Soudan. Etudes sur l'Afrique centrale. Moeurs et coutumes des sauvages*, Paris, 1855, p. 316).

<sup>4</sup> Sobre o qual remeto ao volume *Giovanni Miani e il contributo veneto alla conoscenza dell'Africa. Esploratori, missionari, imprenditori, scienziati, avventurieri e giornalisti* organizado por G. Romanato, Atas do Congresso Internacional promovido em Rovigo pela Associação Minelliana, de 14 a 16 novembro de 2003, Rovigo: Minelliana, 2005, pp. 352.

<sup>5</sup> Apud MIGLIORINI, E. *La figura e l'opera di Giovanni Miani nel centenario della morte*, "Bollettino della Società geografica italiana", 10-12/1972, p. 600 n. 16.

<sup>6</sup> Para a reconstrução de tal conflito consultar PANOZZO, I. *Il dramma del Sudan specchio dell'Africa*, Bologna: EMI, 2000, pp. 297.

<sup>7</sup> Daqui em diante consultar, também para as citações, o meu volume *L'Africa nera fra Cristianesimo e Islam. L'esperienza di Daniele Comboni (1831-1881)*, Milano: Corbaccio, 2003.

<sup>8</sup> MURATORI, Ludovico A. *Il cristianesimo felice nelle missioni dei Padri della compagnia di Gesù nel Paraguay*, Sellerio, Palermo, 1985.

<sup>9</sup> Inicialmente a missão no Sudão se iludiu em poder transferir os negros à Europa para educá-los em escolas européias e fazê-los mais tarde evangelizadores e professores dos africanos, depois de enviados novamente para a África. O método deu péssimos resultados e foi abandonado por Comboni, que apostou na educação do Africano na África, no seu ambiente, na sua cultura, entre sua gente.